

OBSERVATÓRIO SÍNICO

漢學天文台

ANDRÉ
2011

ÍNDICE

Página 2	Uma sociedade contra si mesma, 3
	Uma mensagem desgastada?, 12
	As conversas fiadas de Slavoj Zizek, 19
	Uma sociedade dominada por fantasmas de ocasião, 35
	O vinho e a sabedoria, 51
	A Ampulheta Quebrada, 82
	O Complexo de Hundun, 92
	A Educação Brasileira numa visão Pósconfucionista, 97
	Honra e Vergonha, 116
	Crenças em que Além?, 124
	Ideologia da Vitimologia, 127
	Buda da Sorte, 132

Uma sociedade contra si mesma

Todas as culturas têm suas tradições de provérbios e ditados populares. No caso da China, essa tradição é extremamente valorizada; conciso e direto, o provérbio expressa de modo rápido e profundo a síntese de uma idéia. Ele é considerado uma forma de exercício mental, que tanto induz a reflexão quanto estimula o aperfeiçoamento na arte do discurso, posto que o uso apropriado (ou ainda, ‘fatal’) de um ditado é que o transforma de clichê numa afirmação decisiva. Os chineses consideram, ainda, que essa arte proverbial expressa a face de uma sociedade, e seu modo de olhar o mundo.

Por conta disso – e obviamente, se concordarmos que os chineses podem estar corretos em sua análise – veremos que a cultura brasileira privilegia uma mentalidade de ângulos catastróficos, que sabotam constantemente o esforço em

melhorar a nós mesmos. Isso fica absolutamente manifesto em nossa arte proverbial, cujo pessimismo e oportunismo refletem um modo de agir lamentável.

Senão vejamos: que povo pode se entusiasmar com o estudo e a busca do conhecimento se aqui ‘não sei, não quero saber e tenho raiva de quem sabe’? Nosso desejo de evoluirmos e conseguirmos as coisas com honestidade e esforço é destruído pela idéia de que ‘pra tudo tem um jeito, menos pra morte’; ou seja, o desejo de conquista legítima e meritória não importa se soubermos nos ‘contentar com pequenas coisas’. Pobres - intelectual e materialmente-, aprendemos que as concessões de origem duvidosa são dádivas para a incompetência e para o oportunismo; afinal, ‘cavalo dado não se olha os dentes’, e ‘todos’ agem, a princípio, dessa maneira, já que ‘a ocasião faz o ladrão’. Afinal, ‘ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão’. A dedicação e o esforço são adversários do jeito

esperto de levar a vida, já que a ‘pressa é inimiga da perfeição’.

E como unir uma sociedade que diz a si mesma que a ‘união faz a força’, quando afirma, ao mesmo tempo, que ‘amigos amigos, negócios a parte’, ou, que a lealdade e o interesse na melhoria geral das coisas são contextuais e sem um projeto de futuro definido? A insistência só existe em coisas pequenas e irrelevantes, cuja satisfação envaidece o oportunista, mas não lhe traz nada de significativo. É a ‘água mole em pedra dura tanto bate até que fura’, feita por ‘quem não chora, não mama’.

A apologia do individualismo transparece em ‘cada cabeça, uma sentença’, um sofismo da melhor qualidade, corroborado por ‘antes só do que mal acompanhado’. A união em torno de propósitos comuns é considerada, pois, enfadonha e desagradável. Cada um que se vire, e negocie sua própria impossibilidade e dependência, ‘cada macaco no seu galho’. A

ignorância e a total imaturidade para discutir qualquer coisa que seja se consolidam na afirmação de que ‘não se discute religião, futebol e política’: dois dos principais temas da condição humana (religião e política) não devem ser ponderados ou conversados, e são postos em pé de igualdade com um esporte!

Sei, arrisco-me a dizer todas essas coisas, já que ‘quem diz o que quer, ouve o que não quer’, é ‘cutucar a onça com vara curta’, o que revela a disposição de nossos cidadãos em reagir violentamente (não em pensar) no que proponho nesse texto. Mas se ‘contra os fatos não existem argumentos’, a recepção desse ensaio crítico não é discutível. Ó Céu! Como alguém pode acreditar que algo não é discutível? Esse é o princípio da ciência! No entanto, isso é negado a uma sociedade que se formou aprendendo que não deve debater, mas apenas obedecer ou impor. ‘De médico e de louco todo mundo tem

um pouco’, o que implica que quem tenta fugir desse esquema estudando e trabalhando é associado a um doente mental.

Pois é, ‘devagar se vai longe’, mas sempre se chega atrasado. Na constatação de que a vida não pode ser mudada (ou pelo menos, baseado nessa crença), as pessoas se sujeitam aos acidentes da existência. Credita-se a Deus e ao acaso o curso do destino; ‘deus escreve certo por linhas tortas’ e ‘ajuda a quem cedo madruga’, embora ele dê ‘rapadura pra quem não tem dente’. Claro: ‘enquanto há vida, há esperança’, o que significa uma vida toda de espera resignada, sem uma atitude sincera de mutação individual – que se diga coletiva.

‘Faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço’ mostra a completa hipocrisia da máscara social que aprendemos a usar, fazendo ‘aquilo que os olhos não vêem, o coração não sente’. Na pretensão de sermos indivíduos autônomos, somos

educados a agir de maneira absolutamente egoísta e auto-centrada – e no entanto, isso não implica numa sociedade de gente determinada, mas sim, num coletivo de pessoas que negam a si mesmas e ao seu poder atuação social para negociarem sua dependência. São todos ‘lobos com pele de cordeiro’, cuja filosofia é ‘mais vale um pássaro na mão do que dois voando’. Egoísmo, possessividade, ambição pequena e sórdida; o que pode um povo com tal educação? ‘Prevenir é melhor do que remediar’ seria um excelente adágio para a educação, mas tornou-se um marco da corrupção ativa e passiva, já que ‘seguro morreu de velho’.

Aqui, ‘manda quem pode, obedece quem tem juízo’, já que ‘melhor ser um burro vivo do que um sábio morto’. Essas afirmações são o reconhecimento de que a sabedoria é poderosa, mas é negada: ‘onde há fumaça, há fogo’, diz-se do que denuncia os erros, mas que é engolido pela tentação da

inação: é ‘nadar contra maré’, ratificando a venalidade de ‘uma maioria’ com os erros de uns poucos. O ideal é negar o que é de direito para conseguir aquilo que se transformou em concessão. ‘Nem oito nem oitenta’, indica esse raciocínio de conciliação em grande parte inútil para fazer escolhas na vida, já que ‘nem só de pão vive o homem’, uma das poucas indicações de uma espiritualidade que prefere evoluir pelo sofrimento e abstinência do que se auto-aperfeiçoar. Sim, ‘saber não ocupa lugar’, a frase lapidar da apologia da estupidez. O ‘pior cego é o que não quer ver’ é, de fato, uma afirmação totalmente cabível para essa mentalidade.

Claro, ‘quem espera sempre alcança’ consolida esta atitude de dependência. ‘Quem sabe faz, quem não sabe ensina’ consagra o total desprezo ao aprendizado libertador e independente, daqueles que ‘quem cala consente’.

Contudo, ‘quem não arrisca não petisca’, e creio que todo ensaio se tratou de denunciar essa postura equivocada. ‘Quando um burro fala, o outro abaixa a orelha’ implica minha crença inexorável de que podemos ser ouvidos e ponderados, já que podemos mudar essa situação calamitosa: ‘querer é poder’, e lembrar disso é fundamental, é o cerne histórico e memorial do ‘recordar é viver’. Sei que ‘santo de casa não faz milagre’, mas me nego a acreditar que ‘a palavra é de prata e o silêncio é de ouro’. ‘Boca fechada não entra mosca’ é uma atitude de resignação que me recuso a aceitar (eu não sou o ‘todo homem tem seu preço’), e mesmo que ‘as verdades façam poucos amigos’ (uma lástima se pensado o conceito de amizade que ela implica), o conhecimento, mais do que tudo, pode de fato melhorar nossa sociedade e nossa cultura. ‘Quem tudo quer, tudo perde’ nos faz pensar o que temos a perder para nos negarmos a conquistarmos algo. ‘Ri melhor quem ri por último’ só será um sucesso factível se nele

estiver contida a sabedoria da compreensão. ‘Quem avisa amigo é’ é uma das poucas frases que, se não forem usadas de modo intrigueiro, traz consigo a preocupação sincera com a salvação do outro, o verdadeiro altruísmo de que precisamos. Sim, precisamos dialogar, estudar, questionar (‘perguntar não ofende’), antes que ‘o justo pague pelo pecador’, e a verdade seja obliterada pela sombra da ignorância.

Para o bom entendedor, meia palavra já basta.

Esse é o caminho do bom provérbio.

Isso é o que precisamos saber sobre nós mesmos.

Uma mensagem desgastada?

Só por meio da educação, pois, tornar-se-á alguém insatisfeito com o que sabe; e só quando tem de ensinar a outrem é que a gente dá-se conta da incômoda insuficiência dos próprios conhecimentos. Insatisfeita com o que sabe, a pessoa então percebe que é seu o mal, e dando-se conta da incômoda insuficiência de seus conhecimentos sentir-se-á impelida a aprimorar-se. Por isto se diz que "os processos de ensinar e aprender estimulam-se um ao outro". (Liji)

Quando Confúcio escreveu esse trecho no Liji, ele já havia constatado duas coisas: primeiro, que a causa de uma crise social é a ignorância; que a ignorância é o desconhecimento da moral, incapacidade de reflexão e visão obtusa de mundo;

que esses fatores são resultado da falta de educação; que sem educação, não é possível construir um mundo melhor; e que um mundo melhor depende da formação de indivíduos sensíveis, capazes, estudados e autônomos. Segundo, que a transformação existirá sempre, e que por isso precisamos constantemente de educação. Não estamos em crise perene; quando há educação, há uma conservação equilibrada dos padrões sociais e culturais em relação aos desafios técnicos e morais que se tem de enfrentar. Uma sociedade educada não estanca, mas controla suas mudanças, e opta por elas de modo consciente. Uma sociedade sem educação, porém, vive aflita, em estado de crise, os desafios que se apresentam são encarados com repulsa e violência, e as ações se dão de modo irrefletido. As opções imediatistas não dão conta de evitar os conflitos, até que um desfecho fatal force novamente um equilíbrio precário das forças. Por isso a educação era - ou deveria ser - um assunto de Estado. O esforço individual não é

capaz de dar conta de salvar o mundo, apesar do bom educador ser como uma vela no escuro; mas como disse novamente Confúcio, no mesmo Liji:

A vontade de agir corretamente e a procura do que é bom dariam a uma pessoa certa reputação, mas não a tornaria capaz de influir sobre as massas. Aderir a homens hábeis e sábios, e acolher os que chegam de países longínquos, faria uma pessoa ser capaz de influir sobre as massas, mas não a habilitaria a civilizar o povo. Para o homem superior, a única maneira de civilizar o povo e instituir bons costumes sociais é pela educação. Por isso os antigos soberanos consideravam a educação como o elemento mais importante em seus esforços por implantar a ordem no país. (Liji)

Mas isso tem tanto tempo...! E ainda assim, vivemos esse obscurantismo, essa ida e volta de uma demagogia que tanto ‘facilita’ o mundo por meio do engano, que transfere para o campo da esperança e da sorte o que é fruto da capacitação... Sem apoio do Estado, o que pode o sábio fazer? Onde os estúpidos comandam, quem se dispõe a ouvir a voz da razão? Quem não conhece o dever de educar, não deveria governar; no entanto, quando a ignorância se torna regra geral de uma sociedade, o peso de conter a insatisfação das pessoas é jogado nas costas do professor, no cassetete do policial e na arma do criminoso. Nos cabe aqui pensar o que um professor pode ou não fazer. Lubuwei, pensador do período pré-Qin, comentava sobre como um bom professor procede:

Ao ensinar seus alunos, um bom mestre faz com que estudem plenamente, sem outras preocupações, que

se deleitem com o que estudam, que descansem e que tenham oportunidade de se divertir, que sejam sérios na hora de estudar e que sejam exigentes consigo mesmos. Se um aluno alcança esses seis requisitos no estudo, ele estará o caminho correto, e se afastará das coisas ruins. Mas como é normal nos seres humanos, eles [os alunos] não querem fazer nada que não lhes agrade; e fazendo algo de modo forçado e desagradável, não conseguem chegar a lugar algum. (Lubuwei, 291 -235)

Lubuwei já denunciava o paradoxo de uma sociedade que queria ser poderosa sem estudar. O resultado é conhecido: Qin reunificou a China por meio de uma violência tremenda, que apavorou por anos o povo. Suprimindo e combatendo a educação tradicional, Qin tentou reinventar o mundo destruindo o passado, mas não conseguiu. Afinal, os

confucionistas estavam lá, para denunciarem o que estava errado, lutar pelas tradições, e mesmo morrerem em defesa das causas justas. No entanto, contavam com um povo cioso de seu passado, e cúmplice da vontade de mudar um regime totalitário.

Não consigo deixar, porém, de fazer paralelos com nossa sociedade atual: em que estado de coisas estamos em que a pasmaceira do pensamento aguarda a próxima crise, como se estivéssemos sujeitos aos ‘acidentes do destino’? Que visão cultural é essa que mercantiliza a educação, pilar da formação social e intelectual das pessoas? Como o Estado abre universidades deixando de lado o compromisso com a educação básica? Como se pode discutir assuntos profundos num mundo regido pela superficialidade? Quando propostas absurdas e incoerentes se transformam em medida corrente, é porque as pessoas se abandonam a incerteza, e negociam com

a corrupção a sobrevida de seus propósitos.

Foi o historiador Arnold Toynbee (1889 +1975) que afirmou, em seu *Estudo da História*, que as civilizações não são destruídas, mas se suicidam antes. Quando elas não são capazes de vencer os desafios que se lhe impõe, elas decaem até exaurir suas forças e ceder a pressão da crise. Eu poderia contestar várias coisas na obra de Toynbee, mas concordo com ele nesse ponto; não é a demagogia que manterá unida qualquer civilização, se essa não estiver preparada para responder aos desafios que virão. E a preparação só existe com a educação. Essa foi a opção milenar chinesa; essa deveria ser a nossa...

As conversas fiadas de Slavoj Zizek



marionetes das ideologias. Sim, concordo, falta atitude ao povo em geral, dissolvido nessa modernidade líquida

Há um tempo atrás, me interessei pelas considerações de Slavoj Zizek pela ideologia, o que me motivou a escrever, inclusive, um texto sobre o assunto. Zizek parecia corajoso, e defendia algumas questões que eu particularmente acho válidas – por exemplo, de que hoje precisamos de atitudes (no sentido de uma postura moral e humana) para atuar no mundo – sem o que, seremos sempre meros

proposta por Bauman. Zizek também fez uma curiosa análise do livro de Maozedong (*Sobre a prática e a contradição*), que oscilava entre o original, o perigoso e o temerário – além do cheiro de coisa podre.

Mas o tempo, a idade, a experiência ou mesmo algumas leituras a mais nos proporcionam uma certa cautela com essas coisas ‘novas’. Nada contra o novo, ao contrário; mas é sempre aconselhável examinar as coisas antes de tomá-las como a ‘mais nova teoria do momento’, como muitos pretendem que seja.

E foi aí que Zizek lançou o seu ‘*Em defesa das causas perdidas*’, que apela para o lado revolucionário que a ‘atitude’, como indicado antes, precisa ter para mudar o mundo. Foi aí que consolidei uma imagem dele que, particularmente, não me foi nada agradável. Ele afirma que precisamos de

radicalismo nas atitudes, dizendo que autores como Heidegger, por exemplo, tiveram a atitude certa, mas enveredaram pelo caminho errado. Acho isso muito assustador; é o tipo de ressalva que se usa para justificar atitudes terríveis como fruto de um ‘contexto histórico’. Não imagino de que maneira posso justificar as vítimas de holocaustos humanos que sua perseguição é resultado de um ‘momento histórico’. Desde o mundo antigo, os massacres são abominados como excessos, depois como maldade, por fim como alguma forma de desvio comportamental. Seja lá como for, não há que se perdoar a atitude de pessoas que, em nome das utopias, massacram outros milhares. Zizek afirma que não é ‘bem assim’, mas a questão é que o precedente abre as portas para o erro. Atitudes de derrubar um poder opressor são válidas; mas estabelecer outro no lugar, são tão ruins quanto.

A questão é que Žižek propõe uma teoria intrigante para os dias de hoje, que resumirei aqui dentro do meu ponto de vista: juntar a ideologia marxista com a psicanálise. Traduzindo a grosso modo, acho que Žižek espera que retornemos (ou ingressemos) em algum tipo de comunismo em que as pessoas visarão o bem estar comum – e quando seus desvios comportamentais se fizerem presentes, impedindo-os de serem pessoas solidárias, participativas, honestas, etc., ao invés de serem expurgadas pelo regime, elas irão para um divã, onde se tratarão de modo adequado pelos princípios lacanianos.

Isso parece bacana, ainda mais que existem milhares de marxistas, psicanalistas e psicólogos sem emprego nos dias de hoje. A psicanálise tem sofrido um impacto tremendo da filosofia da mente e da neurofisiologia, que tem destruído alguns de seus conceitos básicos. Quanto ao marxismo, ele

capenga em esperanças ideológicas vãs, pregadas por regimes autoritários e/ou assistencialistas que defendem o seu ‘retorno’ no mundo ocidental.

Isso ocorre porque esses grupos, no caso, estão desamparados. Eles precisam de trabalho, precisam de um Estado que vele por eles, precisam mesmo de um senhor que os proteja da ‘perversidade do mercado’. Ultimamente, muitos representantes de ambos os grupos estão acompanhando a derrocada de suas teorias ateístas para o ressurgimento de grupos religiosos fundamentalistas, cujo discurso simples é muito mais fácil de apreender do que as sutilezas do marxismo ou da ciência psi.

Nesse caso, Zizek teve mesmo que excluir a China, que para ele é uma forma de ‘capitalismo autoritário’. Pode ser. Mas a questão é que a China é o ‘anti-modelo’ dele porque prova que

o socialismo marxista foi uma furada em todos os cantos do mundo. Ele serviu para equilibrar as relações de trabalho e de poder no mundo durante décadas, mas findou-se. Os chineses perceberam isso bem antes, e seu sistema político e econômico, acompanhado de boas doses de pragmatismo, soube superar as dificuldades dessa transição que se dá do socialismo ao pósconfucionismo.

Mesmo Zizek, vindo da Eslovênia, se pauta em um marxismo que não volta mais, um saudosismo dos tempos da Iugoslávia (embora ele não diga isso), quando seu 'país' estava unido, em paz, pela mão perturbadora e tirânica de Tito. O socialismo não conseguiu implantar a utopia da união solidária dos povos; ao contrário, é justamente na Iugoslávia que aconteceram os últimos genocídios europeus depois da 2ª guerra mundial. Que socialismo ele quer, pois? Qual modelo?

Entendo que esse marxismo que ele propõe seria, então, uma espécie de ‘novo marxismo’, supondo então que o outro ‘nunca aconteceu de fato’? Se assim o for, ele estará usando a psicanálise para completar algo que existiu ou algo que nunca existiu? No 1º caso, a coisa faria até sentido, apesar dos riscos (afinal, foi a revolução que se desvirtuou); no 2º caso, não faria sentido algum – exceto, claro, teoricamente.

Mas Zizek tem algo a seu favor: os regimes de esquerda da América Latina. Os intelectuais marxistas latinoamericanos ficaram abandonados com o fim do socialismo soviético e com a decadência cubana. Mesmo a Venezuela, que inventou o bolivarianismo, vende petróleo para o seu principal inimigo, os EUA. No entanto, algo precisava justificar essa nova onda esquerdista na América Latina; e Zizek é o autor *Europeu* que ratifica todas essas crenças em um novo socialismo latino. Sim, é isso mesmo que afirmo: nossos intelectuais precisavam

dele para embasar suas crenças em sistemas e teorias caquéticas.

A intelectualidade latinoamericana se guia por autores importados, e nisso não vejo grandes problemas (se importamos tecnologias, alimentos, produtos, etc., porque não idéias?). Eu mesmo defendo uma teoria chinesa; contudo, nossos ‘sábios’ e ‘acadêmicos’ não se pautam em um ‘indiano, africano ou asiático’ quaisquer. Em seu complexo de dependência, a revisão marxista *tem que ser feita por um Europeu*, que viveu um regime marxista e que, a partir disso, retirou suas experiências para embasar seu novo socialismo. É um argumento de autoridade cultural; mas como nosso país, por exemplo, pode se firmar e conquistar uma posição de autonomia internacional se depende, ainda, de um profeta de teorias falidas?

Ainda por cima, Zizek age de uma forma que poderíamos considerar hipócrita, quando defende um marxismo no qual ele mesmo não acredita. Como ele categoricamente afirmou numa entrevista:

O comunismo vai vencer, como o senhor disse ao jornal inglês “The Guardian”?

ZIZEK: Ah, isso é uma provocação. Quis dizer: o comunismo vai vencer ou então estaremos todos na merda. Você tem que dizer algo assim de vez em quando para fazer as pessoas pensarem. Ainda sou um comunista, mas não um continuísta. O século XX acabou. O resultado geral do comunismo foi um fiasco. A social-democracia foi boa enquanto funcionou, mas está hoje em crise.

Em <http://slavoj-zizek.blogspot.com/2011/06/slavoj->

zizek-e-novidade-do-comunismo.html acessado no dia 25/06/2011

Página | 28

Que tipo de comunista ele é, enfim? Do tipo que se ‘adequa a realidade, e muda com ela?’. É uma forma de radicalismo estranho, que ao mesmo tempo se propõe defender causas humanitárias? Na mesma entrevista, ele afirma:

Detesto os marxistas que dizem: “Stalin traiu o verdadeiro espírito do marxismo”. Não, não se pode permitir que isso seja dito. Se as coisas deram tão terrivelmente errado com Stalin, isso significa que havia uma falha estrutural no próprio edifício de Marx. Não acredito nessa baboseira do tipo “a ideia era boa mas infelizmente foi mal realizada”.

Por analogia, Heidegger estaria certo se fosse comunista, apoiando os gulag's? E ainda:

O senhor no entanto sugere em seu livro que as revoluções são violentas apenas quando não são de fato revolucionárias. Ou seja: quanto mais revolucionária for uma revolução, menos violenta ela será num sentido estrito. Poderia falar sobre isso?
ZIZEK: Escrevi num outro livro algo que me deu muitos problemas: eu disse, “o problema de Hitler é que ele não foi violento o bastante”. E as pessoas ficaram “aaai, você queria que ele tivesse matado todos os judeus?!” Não! Ele não foi violento o bastante nesse sentido autêntico, revolucionário, em que a violência significa transformação das relações sociais, e não tortura ou assassinato. Hitler matou

milhões de judeus em nome da manutenção do sistema. O que estou dizendo é que não quero dar a Hitler sequer esse crédito, na linha “ele foi um criminoso, mas era um líder corajoso”. Não, ele não era. Nesse sentido, Mahatma Gandhi foi mais violento do que Hitler. Gandhi é sem dúvida um modelo de paz, mas nesse sentido básico ele foi violento, organizou protestos de massa com o objetivo de impedir o funcionamento do Estado colonial inglês na Índia. Isso é algo que Hitler nunca ousou fazer.

Há violência sem violação de corpos ou mentes? Isso me parece uma armadilha retórica para diferenciar as violências, justificando o Stalinismo, mas negando o nazismo, por exemplo (e exonerando Heidegger de seus crimes morais e intelectuais, o que torna sua teoria algo extremamente

necessitado de uma boa consulta psicanalítica). Aliás, acho que ele devia ter lido Gandhi para compreender o que seja de ‘política da NÃO VIOLÊNCIA’, entendida dentro do movimento Satyagraha (‘firmeza na verdade’).

A questão é que a teoria de Zizek releva, por outro lado, o surgimento de estados autoritários que se afirmem de ‘esquerda’, cujo monopólio da violência se diz necessário em função do ‘controle social’ e do ‘bem-estar’ público. Zizek me parece mais um escandaloso, como escrevi no texto *A busca do antigo*:

Os escandalosos são os que criticam a Cultura abertamente, nela querendo se destacar, mas sem necessariamente atingir algum bem. Eles são de dois tipos: os que denunciam erros alheios, mesmo os menos importantes, para disfarçar suas

incapacidades; o outro tipo é daqueles que cometem atos escandalosos para atrair a atenção, querendo assim respeito e admiração, mas para imporem sua vontade abertamente. Eles são danosos a Cultura, pois instituem a desobediência e o desregramento desprovido de razão.

Seus escândalos têm atraído uma legião de fãs, que desprovidos de senso crítico, adoram propostas e idéias de ‘força’. E força contra quem? Contra o capitalismo autoritário, que ele quer substituir pelo...comunismo?

Por isso que considero as teorias de Zizek um conjunto de conversas fiadas. Aliás, ‘fiado’ é um bom termo para o caso: é algo que se leva hoje e se paga amanhã... Perigosas que são, suas teorias hão de justificar os desatinos de muitos esquerdistas em busca do poder; mas depois, inevitavelmente,

elas cobrarão seu preço social e econômico, quando o excessos se revelarão através da frágil e superficial capa de bonança que esses regimes impõem. É um fiado que sairá caro. Como afirmei no livro *O Pavilhão das Recomendações dos Ancestrais*. Página | 33

Os caminhos são muitos; mas alguns são desastrosos. A observação da história segue, igualmente, o princípio do yin e do yang. Ao vivermos numa época boa, olhamos para o passado como algo ruim e atrasado; quando vivemos uma época de desordem, enxergamos o passado como uma época boa. O sábio enxerga as épocas como elas são, por meio de seus princípios. Por esta razão Confúcio sabia que vivia numa época de desordem, e seu discurso se dirige a reconstrução da ordem e da harmonia. Ele não invoca o passado par dar exemplos; ele clama

漢學
文台

pelos exemplos do passado, que são manifestações dos princípios, para ilustrar as atitudes corretas e a compreensão correta das coisas. Já os tolos se guiam pelas aparências, acreditando no que um tempo lhe diz, e criam suas impressões sobre o passado sem qualquer fundamento. (Tratado sobre o Espírito da História)

Uma sociedade dominada por fantasmas de ocasião

O senso comum é um conjunto de fragmentos dos mais diversos tipos de saberes, que convivem juntos amarrados pelo laço organizado por uma cultura; embora eles não formem um todo coerente, obedecem a um tipo de lógica (dispersa e mal articulada) que justifica a existência de afirmações e proposições.

Este mesmo senso comum é a referência pela qual podemos avaliar se uma sociedade desfruta de uma educação eficiente ou, se ela é dominada por fantasias e crendices de sentido vago. É quando examinamos algumas amostras dos discursos estabelecidos – do popular até as grandes políticas públicas – que percebemos, também, o nível da manipulação ideológica

que se tenta exercer sobre a opinião pública (ou, senso comum).

No caso específico de nossa sociedade, posso entender que somos dominados por fantasmas de ocasião, criados por um sistema que propõe problemas fantásticos por motivos políticos. Hannah Arendt já tinha alertado em seu *Origens do Totalitarismo* que um sistema autoritário fica incessantemente criando causas populares, e envolvendo a população em debates extenuantes, para desviar sua atenção de problemas mais prementes e ainda, criando a falsa imagem de um sistema ‘participativo’, em que todas as camadas da sociedade seriam chamadas a opinar.

Não digo que o Brasil se tornou um país totalitário, mas alguns expedientes testados (e aprovados) em regimes fechados têm sido aplicados e bem sucedidos em formar uma

opinião pública vazia de opinião e atitude. O enfraquecimento da educação é um deles, que se reproduz nesse senso comum carente de elementos discursivos que possam embasar opiniões sensatas ou ao menos, coerentes. O outro é o de conclamar o público para grandes ‘causas sociais’, e envolvê-lo em debates estéreis que jogam os grupos uns contra os outros, deixando que haja um fracionamento da opinião e de sua capacidade de reação frente aos verdadeiros erros governamentais.

Ao examinarmos o conjunto de opiniões emitidas em nossa sociedade, vemos o quão despreparada ela está para estabelecer debates que sejam coerentes e respeitosos. Aliás, a própria palavra ‘discutir’ em português remete a conflito, briga, e não troca de idéias. Isso significa, de fato, que as discussões são inconclusivas pois não partem de elementos comuns, ou não buscam estabelecer uma comparação

avaliativa entre os dados. No entanto, a constatação de serem inconclusivas é que leva a imposição de políticas públicas que são entendidas como ‘decisões’ em cima do debate, quando um olhar mais acurado nos permitirá perceber que quase nenhuma dessas decisões envolvia, realmente, a ‘opinião pública’. Assim sendo, o senso-comum é preparado para não ser capaz de reagir, mas de ter a ilusão que participa; muitas de suas conclusões são evidentemente equivocadas, mas é preciso que sejam - caso contrário, elas poderiam se opor, de modo organizado, à decisões equivocadas tomadas por interesses políticos a priori.

Mas que tipos de argumentos tão falíveis encontramos no senso comum? Poderíamos resumi-los dessa forma:

Argumentos pseudo-científicos: são feitos a partir de leituras superficiais e incompletas de estudos científicos. Deve ser

levar em conta que, inclusive, muitos dos dados levantados podem não ser de ciências propriamente ditas (como o caso da astrologia) ou ainda, podem ser completamente superados ou obsoletos –mas que são usados por conveniência da ocasião.

Argumentos ético-históricos: quem já ouviu a famosa frase ‘então, quer dizer que tudo o que nos ensinaram é mentira?’ já testemunhou, por conseguinte, o que são os argumentos ético-históricos. Eles se baseiam em versões antigas, incompletas e equivocadas sobre o passado e sobre outras culturas. No entanto, as pessoas não gostam (e nem querem) perceber e aceitar que muitos de seus conhecimentos, adquiridos ao longo de anos de estudo, foram superados por novas descobertas. Isso as remete ao tipo seguinte de argumentação;

Argumentos de autoridade: são aqueles calcados em experiências pessoais, níveis hierárquicos ou tempo de vida, que se julgam capazes de se imporem como decisórios e ainda, de serem projetados para o restante da sociedade. O aspecto restritivo desse argumento é um foco de tremenda tensão, tendo em visto o impacto da modernidade na evolução científica, que se reflete na obsolescência das opiniões pessoais ou ainda, se as vivências íntimas podem ou não ser referencial de conhecimento para os outros. Há outro problema: o quanto a experiência em um campo profissional contribui num determinado debate (pois contribui: a questão é saber em que nível ele será decisório ou não).

Argumentos teológicos: os argumentos de origem religiosa são bastante problemáticos, tendo em vista que partem de um referencial que não possui diálogo ou interatividade com outras religiões. Não se trata de discutir as crenças, mas do

quanto elas embasam opiniões sobre questões sociais que extrapolam os limites da comunidade religiosa que vivencia certo culto e se projetam sobre toda a sociedade.

O anseio de um bom pensador é realizar a interdisciplinaridade, fazendo esses eixos dialogarem; mas a questão é que o senso comum, desconhecedor da maior parte das regras do debate científico, político ou mesmo de etiqueta, se impõe mutuamente uma troca de idéias no qual a tentativa de vencer o debate conta mais do que, propriamente, a sua eficácia ou a construção de um conhecimento válido. Nesse momento, o uso de sofismas (corroborados por evidências ‘científicas, pessoais ou intelectuais’ incomprováveis, cujo único referencial é o ‘eu penso que, eu li que’...) se torna uma regra generalizada, levando a total indecisão sobre problemas reais.

Essas observações todas têm por fim esclarecer que somos uma sociedade dominada por fantasmas de ocasião. Acredito que a opinião pública está longe de ser respeitada – não apenas por sua incapacidade de concatenar posturas e raciocínios lógicos na maioria dos casos – mas também porque, mesmo quando o faz, ela pode evidenciar problemas seríssimos na imposição de uma ideologia que se pretenda dominante.

Isso fica mais do que claro nos recentes ‘casos’ populares promovidos pelo governo. Vamos tentar examinar as coisas em conjunto. Começamos pelo plebiscito sobre as armas, que redundou numa aprovação geral à manutenção do direito a possuir e portar armas – e que depois, o governo desrespeitou autocraticamente impondo leis restritivas ao uso das mesmas. As hipócritas leis contra o fumo perseguem e demonizam os fumantes; e as mesmas pessoas que agora são criadas para

desmoralizar os fumantes podem, no entanto, se beneficiar do debate da liberalização da maconha. Não se trata de proibir tudo ou liberar tudo; mas o debate não é feito de modo claro, ou com consulta das partes. Ele é promovido sobre forma de uma campanha impositiva que visa transtornar a opinião pública, antes que a imposição dos discursos previamente definidos seja feita de modo à (aparentemente) ‘solucionar a questão’. Por essa razão, o plebiscito sobre as armas foi uma lição: não se deve consultar efetivamente o povo que ‘nada sabe’ sobre esse tipo de problema – até porque, são esses mesmos governantes que promovem a educação e má qualidade, e por isso mesmo, sabem que o povo ‘nada sabe’.

Agora, o governo novamente lança a população em um novo conflito: a questão gay. Que se entenda; a união gay, a educação gay e os direitos gays devem ser debatidos a luz do direito e da cidadania, e não por meio de argumentos pseudo-

científicos, éticos, experienciais e teológicos que não dialogam uns com os outros, mas apenas brigam entre si porque não tem nem origens e nem objetivos comuns. Alguns argumentam: e a questão dos negros? E a questão dos gordos? E a questão das drogas? Isso evidencia que o debate popular tenta escalonar, numa hierarquia, o que seria mais importante para ela mesma, quando não se percebe que TODOS esses assuntos são urgentes. Alguém ainda poderia argumentar: ‘enquanto isso, se passa fome não sei onde’, ‘enquanto isso se rouba não sei o que’... o que demonstra que não há um exame acurado dessas problemáticas. Tentar estabelecer uma pauta de prioridades sobre esses assuntos já é, de saída, cair no engodo que o discurso oficial cria; e enquanto se decide sobre o que é mais importante, TODOS os outros problemas são negligenciados.

No entanto, como todas as coisas têm seu aspecto yin e yang,

as ‘causas populares’ tem também desdobramentos imprevistos para essa ideologia impositiva. Ela acaba estimulando o desejo do debate e da participação, que não pode ser evitado. O controle total sobre as políticas públicas acaba se vendo prejudicado pela reação dos diversos grupos sociais, que mesmo em conflito uns contra os outros, se propõem atuar de algum modo para que suas opiniões se vejam respeitadas.

É lamentável que essas causas sejam escolhidas propositalmente para perturbar e gerar conflito, e não o debate. No final, os direitos adquiridos não passam da forma da lei, mas criam (ou reforçam) aversões e preconceitos sociais. Isso não implica que essas causas populares devam ser levantadas: ELAS PRECISAM SER, E DEVEM SER levantadas. Mas onde estão os fóruns de debate? Onde estão os plebiscitos? Onde está a democracia? Por que esses projetos

já vêm prontos? Quem os construiu? Quem eram os especialistas? E por fim, por que não se ensina o povo a opinar, dando-lhe meios efetivos para debater, seja pela educação, seja pelo fornecimento de informações relativas a essas ‘causas sociais’, para que se possa realmente consolidar algo mais abrangente e efetivo?

Quem acha que manipula o povo pela ignorância se engana; ele fica volúvel, ao sabor de suas vontades e iniquidades.

Quando um povo está bem preparado, ele encara com maturidade suas questões fundamentais, e decide o que lhe parece mais apropriado, assumindo o ônus da prova. O principal, contudo, é que seus líderes são ainda mais respeitados por trazerem tais questões ao debate.

Quem agora, por oportunismo, quer ganhar o voto dos gays ou dos ‘anti-gays’, vai ter que inventar outra polêmica daqui a algum tempo – essa é a dinâmica da política. Contudo, minha

preocupação com essa ideologia é de que ela crie tantos conflitos que não seja possível, um dia, administrá-los. Atualmente se misturam, nos diálogos públicos e políticos, preconceitos étnicos, sociais, religiosos... é lastimável que, no fundo, a política pense somente em legislar de modo oportunista, esquecendo que os humanos deveriam ser respeitados em sua autonomia e que esta, para ser devidamente construída, depende do preparo intelectual, sentimental e cidadão que só a educação consciente e sapiencial pode construir.

A opinião pública, pois, é governada por fantasmas de ocasião – ou seja, problemas que focam toda nossa percepção em apenas um ângulo das coisas, sem que tomemos consciência da dimensão social restante. Termino esse texto com um conto chinês do Soushenji, chamado ‘O homem que vendia fantasmas’, que ao meu ver, ilustra o que pode ser de nós se

continuarmos a lidar com os fantasmas criados por essa ideologia política dos dias de hoje:

Quando Sung Tingpo, de Nanyang, era ainda rapaz estava passeando certa noite quando encontrou-se com uma fantasma. Perguntou à aparição quem era e ela respondeu que era um fantasma. - "Quem é você?" perguntou por sua vez o fantasma. Tingpo mentiu e respondeu - "Eu também sou um fantasma." O fantasma então quis saber para onde ele ia e Tingpo informou - "Estou a caminho para a cidade de Wanshih." - "Também vou para lá," afirmou a aparição. Assim puseram-se a caminhar juntos. Após uma milha, se tanto, o fantasma disse que era estupidez estarem andando ambos quando um podia carregar o outro, por turnos. - "ótima idéia," achou Tingpo. O fantasma pôs Tingpo às costas e depois de ter andado uma milha

disse - "Você é pesado demais para um fantasma. Tem certeza de que é um fantasma mesmo?" Tingpo explicou que ainda era um fantasma novo e que, por conseguinte, ainda pesava um pouco. Tingpo, por sua vez, pôs-se a carregar o fantasma, mas esse era tão leve que tinha a impressão de não estar carregando nada. Assim foram caminhando, revezando-se, até que Tingpo perguntou ao companheiro qual era a coisa que metia mais medo aos fantasmas. - "Os fantasmas têm um medo horrível da saliva humana", afirmou o fantasma. Assim foram andando, andando até que chegaram a um rio. Tingpo deixou que o fantasma fosse adiante e observou que ele não fazia barulho algum ao nadar, mas quando ele entrou n'água, o fantasma ouviu o estalar na água e pediu-lhe uma explicação. Tingpo explicou novamente - "Não se surpreenda, pois ainda sou muito novo e não estou ainda acostumado a atravessar a correnteza." No

momento em que se aproximavam da cidade, Tingpo começou a carregar o fantasma nas costas apertando-o fortemente. O fantasma pôs-se a gritar e a chorar lutando para apear-se, porém Tingpo o apertou com mais força ainda. Ao chegar às ruas da cidade, soltou-o e o fantasma se transformou num bode. Tingpo cuspiu no animal a fim de que não pudesse transformar-se outra vez, vendeu-o por mil e quinhentas moedas e foi para casa. Eis a razão do ditado de Shizong: "Tingpo vendeu um fantasma por mil e quinhentas moedas."

Com inteligência, superaremos os fantasmas: do contrário, acabaremos vendidos como bodes...

O vinho e a sabedoria



Tradicional Botijas de Vinho Chinesas

Antes de tudo, gostaria de dizer que não sou um apologista do errado, como pode parecer. Sei que já escrevi um texto defendendo o cachimbo; e agora, venho falar da história do vinho entre os chineses. Mas sinceramente, está um inverno

漢學文台

terrivelmente frio este ano, e aqueles que se recusam a tomar um cálice de vinho ou uma dose de conhaque vão ter que gastar muito mais dinheiro com aquecimento artificial. Não consigo conceber também uma noite romântica movida a chá, refrigerante ou café; eu adoro esses três, o primeiro *sem* açúcar, os outros dois *apenas* com açúcar; mas nossa cultura ainda não construiu um espaço amoroso para eles em seu imaginário. Ademais, tenho muito receio dos que são abstinências totais. Aprendi na vida que, depois que essas pessoas que tentavam se controlar a si mesmas, tentavam depois controlar aos outros – e de modos desastrosos e violentos, no geral, tanto quanto os alcoólatras.

No *livro das canções outonais*, escrevi:

Homens duros que bebem
E ficam bons
São bons

...

Homens bons que bebem
E ficam maus
São maus

...

Homens que não bebem
Não vão à festa dos ancestrais
São os piores de todos

E até hoje não vi razão para mudar de opinião. Muitos anos atrás, quando eu era bem novo e cheio de boas intenções (mas imaturo para realizá-las), aprendi muito com um amigo

médico que liderava expedições noturnas para distribuir comida e agasalhos entre os pobres e trabalhadores. Que se diga, a primeira coisa que descobri é que a maioria dos que dormiam na rua não eram mendigos, mas trabalhadores que moravam longe e economizavam o dinheiro das passagens. O preço disso era se acomodar, ao longo da semana, debaixo de marquises próximas aos seus trabalhos. Em noites quentes isso não era ‘tão complicado’ (se me permitem o eufemismo), mas as noites frias, a coisa ficava ainda mais difícil.

Numa noite, presenciei dois deles tomando um gole de cachaça antes de dormir. Comecei (inocentemente) a repetir a mesma cantilena moralista irritante dos abstêmios de “olha só eles bebendo, que coisa, etc.”, quando o médico simplesmente me interrompeu e disse: “veja uma coisa: eles estão tomando um gole só, que esquenta o sangue, aquece a pele e enfrenta o frio da noite. A cachaça tem glicose, que alimenta quase como

soro; e por fim, eles estão bebendo, mas não *estão*, e *nem são* bêbados”. Ao lado de um sábio, aprendemos em um minuto mais do que ao longo de anos.

Isso me remete a outro extremo dessa introdução. Conheci igualmente o caso de um sujeito que bebia muito, e um dia desejou parar. Para se acalmar, começou a fumar e usar remédios. Em algum tempo, eles misturava os três, e tornara-se um inconveniente absoluto.

Tal situação nos mostra que o vício não existe só, mas depende sempre do viciado – alguém cuja inteligência é sempre escrava da vontade, ou traduzindo, uma espécie de idiota.

Há vícios de todos os tipos. As pessoas gostam de colocar no topo dos mais perigosos os narcóticos (maconha, cocaína,

etc.), mas experimente cortar a carne de uma nação churrasqueira como a nossa. Fui vegetariano durante três anos, e descobri um mundo de preconceitos terríveis. A própria fama de 'chato' que o vegetariano carrega consigo foi criada por carnívoros, que consideram absolutamente incompreensível não se alimentar de animais mortos. Em diversos lugares fui maltratado apenas por não querer comer carne. Voltei ao hábito, depois, pela absoluta impossibilidade de continuar a sê-lo quando se precisa que outros cozinhem para você. Estranho que alcunhem os vegetarianos de obcecados por saúde; e quem é obcecado por não cuidar dela é o que? Aliás, quem é mais viciado? Ele ou os carnívoros intransigentes e excludentes?

Poderia juntar nessa lista de vícios, na qual acabei de incluir a carne, o açúcar, a TV, o racha de automóveis, a ignorância, o desdém pela leitura, o chimarrão as 6 hs da manhã... Tire uma

dessas coisas da mão dos viciados e você descobrirá uma escalada de violência acompanhada de fúrias assustadoras.

Por conta disso, me sinto a vontade para falar do vinho entre os chineses, entendendo-o como um hábito culturalmente maravilhoso, contanto que não caia na ausência ou no excesso – a justa medida, regra sábia de Confúcio, é o nosso guia da razão, a teoria e a metodologia desse trabalho.

Assim sendo, discutir a cultura do vinho não é meramente uma excentricidade, mas um exercício de se constatar se tal prática, historicamente, é de fato destrutiva para um povo. Os chineses chegaram aos limites; foram destruídos pelo ópio (pelo vício e pelas armas inglesas que o vendiam) tanto quanto pela alquimia, que muitas vezes defendeu idéias estapafúrdias de imortalidade pelo total controle do corpo e de suas vontades.

Foram dois os campos nos quais a cultura do vinho foi sabiamente pensada, pesada e aprovada; a medicina e a filosofia.

Pouco afeitos a vasta relação de pecados e proibições que povoavam o imaginário ocidental, os chineses simplesmente decidiram examinar as propriedades das bebidas alcoólicas até chegar as suas próprias conclusões. Os médicos entenderam as propriedades nutritivas e assépticas do álcool, receitando-o com parcimônia e liberando seu consumo com ponderação. Alguns remédios foram criados, inclusive, com uma mistura de vinho, licores e ervas medicinais. Não é de estranhar que eles (os chineses) sejam os mais numerosos do mundo: alguma coisa sobre saúde ele certamente entendiam.

Quanto aos filósofos, esses trataram a bebida como um elemento capaz de interferir na individualidade humana. Inspiradora, consoladora, destruidora, a bebida não promove a anulação do ser humano; é ele mesmo, com todas as suas fraquezas, que se consome nos seus erros. A bebida é apenas um veículo, como poderia ser qualquer outro; essa foi a conclusão geral desses sábios.

Cabia pensar, então, quais efeitos a bebida provocava no ser humano, e de que modo eles poderiam ser empregados a seu favor.

No tempo de Confúcio

Desde um passado remoto os chineses produziam vinhos e bebidas destiladas. Nos ateremos ao vinho, em específico, cuja

tradição tem um espaço próprio na cultura chinesa; e que é o que cabe nas dimensões que esse artigo se propõe.

Já na época do Shang se produziam vinhos diversos, mas o preferido era mesmo o de arroz. Uma lenda dizia que a mulher do imperador Yu, da dinastia anterior (Xia) havia criado o Huangju (o 'Vinho amarelo') a partir do milho, e descoberto a prática da fermentação dos grãos. Verdade ou não, os Shang difundiram intensamente o hábito de produzir e beber vinhos. Além do vinho de arroz, conheciam-se também os vinhos de uva, maçã, laranja, frutas silvestres, sorgo, painço, além do de milho e de ervas aromáticas. Em geral eram servidos na temperatura ambiente (em dias ou noites quentes) ou aquecidos previamente, em infusões nas quais se misturavam mel, melado, frutas, condimentos (cravo, canela, pimenta) e ervas medicinais.

De fato, os Shang eram conhecidos por exagerar na dose, realizando grandes orgias regadas a vinho. Grande parte dos vasos de bronze que achamos dessa civilização são copos de bebida. Interessante é notar que os críticos dos Shang nunca os acusaram de imoralidade por beber ou fazer orgias; acusaram-nos de fazer demais, descuidando da nação. O problema do excesso nos mostra o lastro da sabedoria chinesa: a culpa é das pessoas, e não das coisas.

Na época Zhou, que os sucedeu, nada muda substancialmente nesse panorama. É o que Confúcio nos indicará em um famoso texto do Shujing, que busca orientar a sociedade sobre a questão do álcool. O problema é o excesso, mas proibi-lo é uma utopia. O vinho possui a virtude de relaxar o corpo, congrega os amigos, ajudar na digestão e saudar os ancestrais. Do nobre ao camponês, o vinho é uma benção no final de um dia de labuta. Só o parvo o usa de modo errado; e

o parvo, sempre ele, claro, crias as normas sobre o errado, e serve de índice para o engano:

Ouvi constantemente minhas instruções, todos vós, meus altos funcionários e chefes de seção, todos vós, meus nobres principais; quando houverdes cumprido amplamente o vosso dever na atenção de vossos maiores e no serviço de vosso governante, podereis comer e beber livremente até saciar-vos. E para falar de coisas mais importantes: quando puderdes manter constantemente um exame vigilante de vós mesmos e vossa conduta esteja de acordo com a virtude correta, então podereis apresentar as oferendas do sacrifício e ao mesmo tempo entregar-vos às festividades. Nesse caso sereis verdadeiramente ministros que prestais o devido serviço ao vosso rei o Céu aprovará igualmente

vossa grande virtude, de modo que nunca sereis esquecidos na Casa Real.

Confúcio sabia claramente disso; no Liji, ele – grande mestre dos letrados, que tinha um pé na cozinha – discorre sobre o uso do vinho com os alimentos, ou mesmo para comemorações e recepções:

[São as] Bebidas: Vinho com mel, vinho de arroz coado e espesso, vinho de milho coado ou espesso, vinho de sorgo coado ou espesso, vinho de papas de arroz e milho, arroz diluído, licor da armênia, em abundância, licor de crostas de arroz, vinho de uva, vinho branco.

Essa pequena lista é o estofo de outros capítulos do Liji (42 e 44) em que Confúcio explica os procedimentos para bebedeiras (festas alcoólicas, mais corretamente) e banquetes.

漢學
五
台

Ao longo do Liji, são mais de 40 citações ao uso de bebidas em todos os tipos de cerimônias (inclusive, ‘beber defuntos’ ou cerimônias oficiais).

Há que se argumentar se não havia opções na época, como sucos ou o chá (que chegou muitos séculos depois na China, ao contrário do que se pensa). Por inversão, porém, o vinho não parou de ser bebido com o surgimento de outras bebidas; é necessário encarar a questão de que as sociedades desenvolvem gostos particulares sobre os alimentos e bebidas, e que eles não são facilmente substituídos por imposições de consumo industriais (mais fácil, na verdade, as empresas se adequarem a essas predileções).

Após o Liji

Mas voltemos ao passado. Os chineses adoravam vinho, e continuaram apreciando-o, de todos os modos. A própria palavra chinesa para bebida (酒 Jiu) designa qualquer líquido alcoólico, mas os chineses nutriam sua paixão pelos fermentados, fáceis de produzir, agradáveis de saborear e com uma larga margem para as invenções.

Se não estabeleceram grandes marcas ou denominações, é porque o gosto chinês atinha-se ao rito de consumo, mais do que o sabor. Desde o bodegueiro até o camponês, cada um tinha sua receita de vinho. Vinhos da região de Shaoxing, por exemplo, ficaram famosos por serem estupidamente alcoólicos; mas cada localidade tinha suas variações. Onde haviam lichias, amoras, pêssegos, morangos, essas eram adicionadas a uma base de vinho; em áreas tropicais, banana,

coco, condimentos, especiarias importadas e ervas davam o tom.

Cada produtor tinha seu vinho; alguns eram inclusive, guardados debaixo da terra para envelhecer, descansar e pegar corpo. Um antigo conto do Soushenji (Histórias dos Espíritos) nos dá uma idéia do que era essa 'especialização' na fabricação do vinho, e o que era o 'padrão ideal':

Dixi era um nativo de Chungshan e sabia fazer "vinho de mil dias", capaz de manter um homem bêbado durante mil dias. Havia um homem no mesmo distrito chamado Xuanshi que desejou provar o vinho em sua casa. No dia seguinte ele foi ver Dixi e pediu-lhe um gole; este último respondeu - "Meu vinho ainda não está completamente fermentado e não ousou oferecê-lo a você." - "Quero prová-lo assim mesmo", disse Xüan. Dixi

não pôde dizer "não" e deu-lhe um copo. - "é delicioso," observou Xuan, "quero outro copo." - "Deve ir para casa agora," replicou Dixi. "Volte outro dia. Só esse copo o embebedará por mil dias." Xuan saiu parecendo um tanto tonto e ao chegar em casa morreu sob a influência do vinho. A família jamais desconfiou de nada: chorou-o e enterrou-o. Após três anos, Dixi disse consigo mesmo - "Xuan a esta hora já deve estar acordado. Preciso ir vê-lo." Quando chegou à casa de Xuan perguntou se este estava. A família surpreendeu-se muito e disse - "Morreu há muito. Até já tiramos o luto." Dixi ficou aflito e disse - "O que! foi efeito do meu maravilhoso vinho, capaz de embebedar um homem por mil dias. Ele deve estar a acordar agora mesmo." Deu, então, ordens para que a família de Xuan abrisse o sepulcro e o caixão para ver o que tinha acontecido. Ergueu-se uma nuvem de vapores da tumba, nuvem que

se elevou até os céus e em seguida procederam a abertura do caixão. Quando a tampa foi retirada, viram o homem "morto" abrir os olhos, bocejar e dizer - "Oh! como é delicioso ficar bêbedo!" Depois perguntou a Dixi - "Que vinho é esse que você faz? Um só copo produziu esse efeito. Acabo de acordar. Que horas são?" As pessoas que estavam perto riram muito à custa dele mas, devido a forte exalação da tumba, cheiro intenso que lhes entrou pelas narinas, todos caíram bêbedos por três meses.

Ocasionalmente um vinho poderia obter certa fama para seu fabricante, mas a obsessão européia num cânone de regras fixas para o vinho nunca se sucedeu entre os chineses. Numa civilização gigantesca como essa, os parâmetros eram outros. A diversidade garantia, por si só, o destaque de um sabor único – e que fatalmente seria pouco conhecido numa

sociedade repleta de fabricantes caseiros. Vinhos como Fenjiu, do século +6 (de sorgo, com absurdos 65% de nível alcoólico) ou Sanhua (que se afirma feito há quase mil anos pelos habitantes da região de Guilin, com água e ervas especiais e também, com mais de 50% de teor) são exceções, e cuja vagueza da denominação ou origem impedem a construção de uma ‘tradição’ nos moldes enológicos ocidentais.

Em tempos de crise, as bebidas também servem para esquecer, e os chineses também sabiam disso. Um grupo chamado ‘sete sábios do bosque de bambu’, por exemplo, vivia embriagado para se alienar da crise que devastava o país após a queda dos Han no século +3. Isso na verdade criou uma tradição de poetas bêbados. Em busca de inspiração, esses artistas embebedavam-se de vinho; e depois, quando descobriram que o vinho era a própria inspiração, começaram a cantá-lo

também. Tao Qian (Tao Yuanming) escancara o sentimento de amizade por meio do vinho;

Página | 70

Velhos amigos compartilham da minha pobreza
Chegam com jarras de vinhos e esteiras [...]
Tudo fica longe, nos perdemos por completo
Ah, esse vinho tem sabores insondáveis!

Em outra passagem, ele diz:

Bebo uma taça e minhas preocupações desaparecem
Bebo outra e até me esqueço do céu

Libai, da época Tang, outro inesquecível poeta chinês (cujo conjunto poético chega a ter quase 20% das poesias destinadas ao vinho) também se derramava intimamente ao sabor da ‘embriaguez calculada’:

Um jarro de vinho entre as flores,
bebo sozinho - nenhum amigo me acompanha.
Alço minha taça, convido a lua
e minha sombra - agora somos três.
A lua não bebe
e minha sombra apenas imita meus gestos.
Mesmo assim, são elas as minhas companhias.
É primavera, tempo de festa -
canto, a lua escuta e cintila;
danço, minha sombra se agita, animada.
Enquanto estou sóbrio, juntos estamos os três;
quando me embriago, cada um segue seu rumo.
Selamos uma amizade que nenhum mortal conhece.
E juramos nos encontrar na via láctea.

Sua teorização sobre o vinho dava na seguinte fórmula:

Três taças e tu estás em contato com o grande Dao;
uma vasilha inteira e estás em harmonia com o
Universo.

Se era um Fenjiu... Libai era um excelente bebedor!

Li Qingzhao (época Song), a fantástica poetisa chinesa,
arrematava a expressão do íntimo com a ajuda do vinho:

Nunca me esquecerei daquela tarde no pavilhão à
beira do rio.

Tontos de tanto vinho, não achávamos o caminho de
volta.

E zozna ainda, a felicidade retardava o nosso barco,
Enquanto avançávamos no verde denso dos lótus em
flor,

Até irrompermos na margem, espantando garças e
gaiivotas.

Ou

Quanta saudade de minha terra natal!
Como esquecê-la, a não ser embriagada?
Na hora de dormir, queimei áloe no porta-incenso.
Foi-se dele a embriaguez, ficou a do vinho.

Ao longo do séculos, o hábito do vinho se transformou num
ritual a parte. As jantas com vinho passaram a ser
acompanhadas de jogos e divagações. Os gregos abandonaram
os banquetes platônicos há séculos; os chineses, contudo,
mantiveram (e mesmo, instituíram) a bebedeira sadia que
levava à contemplação.

漢
學
文
台



Curiosamente, isso não tornou a China uma nação de bêbados; ao contrário, se há um lugar onde se aprecia o vinho com cuidado é lá (ressalva, claro, a França). Que se entenda: nessa sociedade gregária, a aparência e o bom entendimento com familiares, amigos e colegas é uma regra sólida, e a inconveniência é tida como uma vergonha absoluta. Bêbados, somente os divertidos, piadistas ou solitários. O alcoolismo degenerado não é bem visto - e ainda assim, nessa cultura paradoxal, ele é tratado como um problema individual, menos que uma doença ou vício. Há pontos de acupuntura que inibem o desejo de álcool, mas que dependem do paciente ir até o médico – ou seja, não é mais que evidente que o desejo

de beber (demais, de menos, idealmente) ou abster-se é um critério individual?

Passados os séculos, os chineses continuam a tomar vinhos, mas a situação mudou em alguns aspectos. A ideologia de austeridade comunista reduziu bastante o aspecto hedônico do vinho, mas mesmo assim, não diminuiu drasticamente o seu consumo. Sumiram muitas das receitas ou fabricações caseiras, mas as fábricas criaram os padrões de produção que conhecemos. Os chineses, desejosos de entrar no mercado internacional em todos os aspectos, resolveram também adotar os parâmetros europeus de qualidade para vinhos de uva. Falta muito, ainda, dizem os enólogos ocidentais, para eles fazerem um vinho reconhecido internacionalmente; contudo, o avanço chinês nos últimos cinco anos foi muito maior do que o do Bras... Bom, deixa pra lá.

漢學文台

Resumo de tudo

Página | 76

A história do vinho na China demonstra uma paixão pelas bebidas que não caiu na vulgaridade. Não é uma nação de alcoólatras, mas de bebedores. Com sapiência, o vinho é um prazer; com estupidez e ignorância, mesmo um singelo copo de café se torna um inimigo.

Muitas das poesias que apreciamos foram feitas sob efeito da leve embriaguez; a lista dos gênios que apreciavam um bom vinho, ou mesmo uma cerveja, é enorme. Quanto a lista dos ‘grandes’ que eram abstêmios em tudo, vai Hitler – não bebia, não fumava e era vegetariano. Até mesmo o primeiro milagre de Jesus foi reproduzir o vinho. Como eu disse desde o início, esse texto não é uma apologia do vício, mas de apreciação de coisas boas da vida.

Os chineses nos ensinaram que beber um pouco não faz mal. Se embriagar em segurança às vezes é um prazer - se bem acompanhados, e se soubermos não ultrapassar os limites do conveniente. Temamos aqueles que exalam moralidade, e que por baixo de suas belas roupas, sempre arrumadas, escondem sempre as piores intenções possíveis.

Por fim, termino texto com o relato de uma de minhas experiências com um legítimo ‘vinho’ chinês. Foi no Rio de Janeiro, quando fui num restaurante chinês de chineses escondido num canto da cidade. Era hora do almoço, e estava vazio, pois era muito pouco conhecido. Diante de um panorama desse, há que se recluir. Mas eu gostei, me permitiu uma intimidade maior com os donos, um casal idoso, jovial e alegre. Ainda ensaiava meus passos no chinês, e por isso a conversa alternou em três idiomas (meu mau chinês, o português ruim deles e nosso péssimo inglês comum). A

entrada foi ótima, com wonton's (ou huntun), uma forma de pastel em geral cozida, mas que eles serviam fritos também. Pedi desses fritos, que vieram numa folha fina de massa, cuja ponta, apenas, estava recheada de frango agri-doce ou repolho frito com molho de soja. O prato principal foi macarrão de arroz com pedaços de porco, vegetais e algumas coisas que não identifiquei (e eles também não quiseram dizer, mas isso faz parte da arte de cozinhar). Quanto a beber, pedi um chá chinês (essa é um daqueles momentos em que a gente quase pede uma coca-cola por hábito, e magoa um bom cozinheiro, que gosta de ver seus pratos serem saboreados). Os dois velinhos estavam gostando de me ver adorar a comida deles. Por fim, me ofereceram um copo de 'vinho da casa'. Já tinha ido ao Rio Grande do Sul alguns anos antes, e aprendido a apreciar bom vinho (e saber quando um é uma porcaria), o que me deu um certo receio. Mas vamos lá, era a hora; aceitei o gole, que parecia quase um coquetel de 'saque' com algum

sabor de fruta e condimento. Não sei dizer exatamente a sensação; era forte, diferente, de início chocava e afastava. No entanto, umas duas ou três bicadas depois, e aquele gole se tornou suave, aprazível, como se fosse possível bebê-lo de litro. Não saí tonto, mas feliz. Havia um gosto bom na boca. Anos depois que fui entender a honraria: haviam me dado uma prova do *seu vinho*, que fosse bom ou ruim, era deles. Eu testemunhara uma antiga tradição chinesa, que só me fez sentido agora.

Todavia, a experiência não se perdeu por inteiro. Aquele vinho me lembrou (por associação, claro) dos tempos em que, com alguns poucos trocados no bolso, era possível se reunir com os amigos, comprar um garrafão de vinho ordinário e ser feliz pelo simples prazer de estar com as pessoas ao seu lado. Onde foi parar toda essa feliz simplicidade? Quando termina a saudável experiência da comunhão de espíritos embriagados,

de modo que ela vire vício, depravação ou que se preserve,
apenas, na poesia?

Confúcio discursou sobre o abuso do álcool
Confúcio discursou sobre o abuso das palavras
Confúcio abusava dos discursos quando não bebia
(Livro das Canções Outonais)



Mistérios engarrafados... quem se habilita? Quem encara um bom vinho de botija, longe das garrafas bonitas e assépticas com que nos acostumamos?

Nota: os poemas de Li Qingzhao foram emprestados de Sérgio Capparelli, em www.capparelli.com.br

漢學文台

A Ampulheta Quebrada

Página | 82

Em tempos bons, a visão do passado fica pior: em tempos ruins, o passado é a âncora da saudade. Essa tese já era defendida por Sima Qian, e pelos outros historiadores chineses; a espiral do tempo segue seu curso, inexorável, e sobre ela se constroem os projetos do futuro.

Esses projetos trazem consigo a marca da história como uma experiência de fundo moral. Esta segunda visão chinesa é fundamental para entender as definições que guiarão uma proposta para o futuro; o modo como uma sociedade se enxerga e se entende são as linhas mestras para elas se autoavaliarem, e conseqüentemente, se reinventarem.

Mas as sociedades atuais sofrem de um paradoxo tremendo, talvez nunca antes encontrado na história: o problema da

desconexão com o passado, uma ausência quase total de um senso histórico, de uma visão de construção de origem e ancestralidade.

A modernidade está com sua ampulheta quebrada, e não se preocupa com a continuidade do tempo: o imediatismo tornou-se a regra da atemporalidade que define o direcionamento do raciocínio humano. Como bem afirmou Zygmunt Bauman, vivemos uma modernidade líquida desobjetivada, em que as pessoas não se propõem serem algo, mas terem alguma coisa. Elas têm propósitos, mas são para agora: suas regras morais são diluídas, constituindo muito mais um recurso para atingirem objetivos do que, propriamente, um norte para o bom relacionamento humano.

Esse meu discurso pode parecer antigo, saudosista ou mesmo reacionário, mas sua proposta é constatável: nunca antes, na

humanidade, a juventude “soube” mais do que os antigos. Um rapaz de 15 anos pode, hoje, saber muito mais de tecnologia do que um adulto. Contudo, ele não possui experiência de vida; mas essa relação se subverte na medida em que ele negocia o seu saber técnico com os mais velhos, buscando atingir vantagens morais e sociais a partir do seu conhecimento tecnológico.

Que se diga, esse saber técnica é superficial; os jovens dominam os meios, as técnicas, mas não compreendem os mecanismos pelos quais as coisas são produzidas ou desenvolvidas. O imediatismo de sua visão da realidade os faz supor que eles podem ter um mesmo status social dos adultos porque podem negociar o exercício de seus saberes, mas com isso, eles negam a propriedade do conhecimento histórico, eles negam o valor da história de *como as coisas são feitas*, criadas e imaginadas.

Com base nisso – e concordando, novamente, com o que Confúcio e os outros chineses já afirmavam – há uma fragmentação da moral, uma interrupção na evolução dos padrões. Não se trata de invocar um passado antigo como tábua de salvação; mas a negação do passado estabelece uma interrupção no fluxo, ela cria um desconhecimento das razões pelas quais a moral foi criada, suas leis, costumes, etc. Com isso, perdem-se as raízes e os fundamentos de uma cultura, e a sociedade se entrega a todo o tipo de expediente - sem uma medida de apropriado ou inapropriado – para realizar seus anseios materiais. Ainda: ela faz com que esses anseios sejam sempre presentes, rápidos, fulminantes, sem a mínima preocupação com as conseqüências: pois a inexistência do passado pressupõe, nesse raciocínio atemporal, a inexistência também do futuro.

Por outro lado, essa situação de perigo é sentida por grupos dentro da sociedade que entendem ser necessária uma preservação da moral, mas sem um conhecimento exato de seus modos de transformação. Com isso, grupos chamados de “radicais” (e às vezes o são) assumem a tarefa de defender os valores antigos, embora muitas vezes confundam o antigo com uma visão particular da realidade, que implica em preconceito, intolerância e fundamentalismo. No entanto, esses grupos se tornam atraentes na medida em que defendem valores que andam em “falta no mercado”: lealdade, associação mútua, propósito para o futuro, auxílio, solidariedade, altruísmo, etc. Por estas razões é que, não raro, pessoas que julgam a si mesmas como tendo tido uma vida “dissoluta” acabam embarcando em grupos religiosos ou intelectuais radicais, mas que propõe valores de vida “desconhecidos” pela juventude. De um extremo ao outro,

elas oscilam, sem a justa medida tão necessária a tolerância e a harmonia.

Assim sendo, o desconhecimento da história implica numa fragmentação da moral. Não que a moral vá sumir; ela sempre se reconstrói, dentro de padrões que são próprios a história de uma sociedade. O problema, porém, é se essa transformação implicará num conflito violento, numa perda de conhecimento, numa quase destruição da sociedade até que se constate a necessidade de recuperar o antigo. Que se entenda: o antigo é a base de transformação do novo. O conhecimento aprendido (xue) é importante, mas é o oposto complementar da experiência de vida (zhi). Eles não se superam, se completam. Não há possibilidade de se ultrapassar a moral com a técnica, pois a moral depende da história e da experiência. As novas tecnologias podem

influenciar o raciocínio moral, mas as bases sobre as quais ele opera são conceituais, e não materiais.

Quem cede à deslealdade, à hipocrisia, à mentira e à farsa para atingir seus objetivos está errado em qualquer época, ainda que possam aceitar que esse é um meio para alcançarem seus fins. No entanto, mesmo as pessoas hoje – como em qualquer época-, sabem que existem regras valiosas, que independem de tempo e espaço para serem tidas como corretas. Uma delas é: “não faça aos outros aquilo que não quer que seja feito com você”. É possível que alguns aceitem que, insistindo no erro, entendem se sujeitar a retaliação, mas mesmo eles sabem que estão errados. Não há, aqui, qualquer consideração sobre tecnologia; a moral se vincula ao tempo, mas não há tempo que seja amoral. Quando as crises chegam, sabe-se que elas estão ligadas a perda dos valores, e a

necessidade de estabelecer leis e padrões que ponham o mundo em ordem, novamente.

Claro, os jovens têm ilusões – e como já fui jovem, tive as minhas também. Mas é preciso lembrar que as regras, a educação, a construção de uma moral sadia, isso não depende de idade, mas depende de sabedoria e de experiência. Disse Guanzi: “eduque as crianças para não punir os adultos”. Se couber a juventude a possibilidade do desatino, suas experiências de vida criarão para si mesmas o caos, largando-se ao sabor de uma visão indistinta de mundo, ou buscando refúgio em visões extremistas da realidade. Por outro lado, o abandono dos mais velhos sobre suas responsabilidades traz consigo a marca da desagregação, e a impossibilidade da continuidade. Se mesmo os mais velhos cedem ao imediatismo, ao desejo de serem “jovens novamente”, o que poderá ser da sociedade?

Ao leitor, pois, esse texto poderá parecer multifacetado: uma velharia sem propósito, uma cantilena reacionária, uma proposta frouxa de resgate de valores (para os radicais), uma busca de meio termo (que a meu ver, é inútil), enfim, que pareça tudo aquilo que quem lê entenda sobre ele. Esse texto, na verdade, é o espelho de quem lê, e do que se esse entende sobre si mesmo no mundo. No entanto, aqueles que buscam uma atitude reformadora diante da realidade, esses vão entender. Os que se cansaram dos “meios termos” que não satisfazem ninguém, ou das pequenas faltas toleráveis (“jeitinhos”), *esses vão entender*. Escrevi com o cuidado dos falsos, interesseiros, desleais e oportunistas saberem que as pessoas podem perceber seus erros, e sobre elas construir suas opiniões; é o aviso para que tentem mudar algo em si mesmas, antes que sejam pegas no erro. Mais do que isso, porém: suas atitudes imediatistas e desastrosas não possibilitam o futuro. Assim também, os radicais poderão

compreender onde quero chegar, e amainem suas idéias, sejam mais tolerantes: a corda muito esticada acaba sendo arrebentada.

Mas é uma época “interessante” essa nossa: sem atitude e uma causa, onde esperamos chegar? A ampulheta quebrou, a areia escorre e o tempo se perde, levando consigo a história e a humanidade.

漢學文台

O Complexo de Hundun

Página | 92

*O Rei do Mar do Sul era age-conforme-teu-palpite,
O Rei do Mar do Norte era age-num-relâmpago.
O Rei do lugar entre um e outro era A Não-Forma (Hundun,
ou Caos).
Ora, o Rei do Mar do Sul
E o Rei do Mar do Norte
Costumavam ir juntos freqüentemente
À terra do Não-Forma.
Este os tratava bem.
Então, consultavam entre si,
Pensavam num bom plano,
Numa agradável surpresa para Não-Forma
Como penhor de gratidão.
«Os homens», disseram, «têm sete aberturas
Para ver, ouvir, comer, respirar,*

*E assim por diante.
Mas o Não-Forma
Não tem aberturas.
Vamos fazer nele
Algumas aberturas».
Depois disso
Fizeram aberturas em Não-Forma,
Uma por dia, em sete dias.
Quando terminaram a sétima abertura,
Seu amigo estava morto.
Disse Lao Tan: «Organizar é destruir».*

por Zhuangzi

Hundun, a Não-forma ou Caos; ao se lhe abrirem os sentidos, ele morre. Na moral caminhante dessa fábula, conhecer o mundo e a realidade é perder-se. Atinar ao que ocorre ao redor é uma perda de tempo e sentido, apenas seguindo a

漢
學
文
台

“natureza original” é que poderemos encontrar a “verdade” – o que nesse caso significa a “ignorância” original.

Página | 94

Esse conto é interessante para mostrar como ignorantes buscam justificar sua ignorância, confundida com “pureza de alma” ou outra bobagem qualquer.

De modo semelhante, muitos no Brasil preferem não saber a “verdade”, ou encarar a dura realidade da vida. Preferem se deixar levar pelo sabor dos desatinos políticos e sociais, sem tomar consciência crítica das coisas.

Este é o complexo de Hundun. Muitos preferem viver no caso, no sem forma, ao invés de se impor a ordem.

Convidados ao esclarecimento – a ver, ouvir e falar – preferem

se abster, com medo de “morrer” ou “sofrer” diante da constatação das coisas.

Para a China, felizmente, o confucionismo venceu como doutrina social, e hoje guia o processo educativo chinês.

Podemos fazer o mesmo aqui, por meio de uma educação crítica e consciente, e não assistencialista e esvaziadora. Qualquer projeto de nação que queiramos construir depende de uma educação sólida, e voltada para isso. Carecemos da criação dessa identidade educadora – e quero crer que essa identidade pode ser criada, projetada, e não admitir que já temos uma estereotipada, aquela do brasileiro indolente, preguiçoso, servil e estúpido. Não precisamos ser assim.

Mas para isso, é necessário abrir os olhos, boca, ouvidos, e desafiar o perigo da constatação do real.

Os caminhantes estavam errados; e continuam, até hoje, nesse ponto. Como disse Confúcio: “nunca vi alguém atingir a sabedoria no meio do mato”

A Educação Brasileira numa visão Pósconfucionista

“Li (禮, Cultura), ou o princípio da ordem social, previne o advento do caos moral e social, como um dique previne a inundação. Assim como quem pensa que pode destruir uma represa, por julgá-la inútil, certamente há de expor-se aos danos de uma enchente; assim, o povo que desprezar o antigo princípio da ordem social, por considerá-lo inútil, certamente ficará exposto a uma catástrofe”.

Confúcio

Há um problema fundamental nos diagnósticos educativos brasileiros: são todos, basicamente, falsos.

漢學
文台

O sistema está viciado, buscando criar estatísticas para mostrar que não está doente. Nas avaliações de ensino que são feitas, o transtorno de “dupla personalidade” da cultura vitimológica brasileira transforma todos em vítimas que precisam de educação, mas transfere a culpa das falhas educacionais para os cidadãos, professores, religiosos, enfim... Com exceção, claro, dos demagogos populistas, para quem tudo está sempre bem (ou ruim, se for para pedir verbas). E como esses são os educadores mais “interessantes” para uma sociedade que despreza o estudo e privilegia o oportunismo, esses são, no geral, os “líderes” exemplares de nossa educação atual.

Gente “interessante” para “tempos interessantes”... em chinês, uma frase que designa um tempo sério de calamidade.

Mas a questão é: como examinar a educação, de fato, sem cair nos engodos politiqueros? Na minha visão, usando uma teoria “estranha, alienígena e diferente” – o pósconfucionismo – que não se vincula a qualquer um dos partidos em voga, bem como exprime a possibilidade descompromissada que tenho de expor minha opinião.

Como sempre, haverá perguntas; mas porque usar uma teoria chinesa para avaliar a educação brasileira?

Num país que usa tantas teorias importadas para tudo, usar uma teoria chinesa deveria ser apenas mais uma aquisição ao vasto cardápio disponível, mas ela incomoda: primeiro, porque não há controle sobre ela, não há uma tradição que a domine – e por causa disso, Confúcio volta a ser revolucionário na face da terra, em face de nossos arcaísmos; segundo, porque o pósconfucionismo, mesmo sendo uma releitura, não sofre do mal da “eterna contemporaneidade”,

em que tudo é tratado como não tendo raízes históricas. O pósconfucionismo perscruta nesse passado as razões do agora. É uma postura consagrada, mas funciona bem. Aliás, de fato, é uma das poucas que funcionou até agora. Através de sua metodologia de análise que tentaremos traçar, pois, e analisar, os problemas da educação brasileira.

As raízes do problema

Quais são as razões do descalabro em nossa educação?

Voltemos aos finais da ditadura militar no país. Depois de 20 anos, o plano em curso de censurar e desarmar a sociedade de sua capacidade crítica estava praticamente consolidado. A transição democrática estava programada, e o ensaio disso foi a anistia em progresso, além das eleições municipais e estaduais, com ampla participação de novos partidos políticos.

Em 1983, no Rio de Janeiro – o grande laboratório de experiências do Brasil – a falta de criticidade, aliada a oposição ingênua, elegeram Leonel Brizola para governador, dando início a um dos planos educacionais mais desastrosos já vistos até hoje.

As teorias da política educacional de Brizola eram assistencialistas e populistas, embora embasadas em planos aparentemente bem intencionados de Darcy Ribeiro. Brizola acreditava na difusão da escola como um meio de formar opinião pública e política – não necessariamente crítica – que o apoiasse no futuro. Como resultado disso, ele criou o modelo do CIEP, um monumento arquitetônico desenhado por Oscar Niemeyer, difundindo-o por todo o estado do Rio de Janeiro e causando um tremendo impacto visual e material. Quanto ao funcionamento, o CIEP em breve virara um sinônimo de perigo. Havia lanche, os alunos ficavam na escola

dois turnos, mas o ensino era da pior da qualidade, andava sem apoio ou recursos, e era constantemente pressionado por traficantes e alunos-bandidos. No entanto, estes últimos eram protegidos por uma política de segurança pública que os transformaram em “vítimas da sociedade”, transferindo o problema de sua marginalidade para ao cidadão comum – que além de pagar impostos para ter serviços que não recebia, ganhou, ainda, a “responsabilidade social” (i.e., culpabilidade social), desonerando o governo de suas obrigações.

O plano deu certo em nível político. Brizola conseguiu depois se reeleger para governador do Rio de Janeiro (1991-1994), criando uma base de apoio forte no estado. Mas o efeito disso foi ainda pior do que o imaginado; suas idéias foram amplamente copiadas, e até o presidente Collor, eleito em 1989, tentou implantar o CAIC – cujo desenho arquitetônico era uma monstruosidade, que incluía uma pirâmide de vidro

sobre a quadra polivalente, visível a quilômetros de distância – mas com todos os mesmos problemas do CIEP; baixa qualidade de ensino, má formação, e a idéia de que a escola se transformara numa espécie de “creche” de todas as idades.

Os baixos índices educacionais obtidos por essas políticas foram responsáveis pela criação de um mecanismo ainda mais perverso de compensação – a aprovação automática.

Aprovar sem avaliar

Certo, o nome exato não era essa; a “progressão continuada” entendia que as primeiras séries não podiam comportar a reprovação, o que seria um “barbarismo”, “traumatizando” as crianças. Na prática, ele impedia que as pessoas tivessem as necessárias experiências de vida (incluindo o esforço e/ou a decepção), mantinha as crianças na escola (para alegria e

sossego dos pais) e formaram gerações de analfabetos funcionais.

A idéia era tão boa que mesmo a “Direita” política a encampou. São Paulo e Rio de Janeiro foram os pioneiros, na década de 90, em implantar esse sistema quase hediondo de educação, sendo seguidos pelo restante do país.

Um povo menos instruído é bem mais fácil de comandar; se ele está feliz, e tem “creches” para suas crianças, mais feliz ainda ele estará. Contudo, na ausência de uma formação específica em algo, no que as pessoas trabalharão? Elas não querem executar mais profissões que consideram “vis” (pedreiro, marceneiro, etc.), mas querem empregos que dependem de qualificações que *também* não possuem (cientista, funcionário público, advogado, médico, etc.). Os

professores ficam no meio disso tudo – num momento aviltados, no outro, desqualificados.

O toque final dessas políticas absurdas foi dado em dois momentos distintos: os governos de Fernando Henrique Cardoso e Lula.

No governo presidencial de FHC, o Brasil aprendeu a dura – porém necessária – regra do novo capitalismo mundial. Seu projeto, segundo dizem, era o de privatizar toda a educação, ou ao menos, o ensino superior. Se isso for verdade, são amplos os aspectos que envolvem o sucateamento do ensino, como se viu. Por um lado, nossos impostos não pagariam mais o ensino que nos seria devido, o que poderia se considerar uma apropriação indébita. Por outro, o ensino deixaria de ser um cabide de empregos, tendo que correr atrás de efetividade, qualidade e preço. Nada disso se concretizou,

para bem ou mal, e os efeitos das políticas anteriores continuaram.

O segundo momento veio com o governo Lula, que herdou o desmantelamento, e em certa medida o manteve. Ele aumentou o número de babás (perdão, professores), mas implementou em escala nacional o programa de bolsas-escola, e manteve a política de assistência – mas não de formação – da escola. Vale lembrar que a bolsa-escola foi criada por FHC, em 2001, e foi duramente criticada pelo PT, mas após a eleição de Lula, ela foi imediatamente mantida, aumentada e expandida em níveis inimagináveis.

O governo petista aperfeiçoou os problemas anteriores, calando ocasionalmente a oposição com a distribuição de recursos públicos e funções governamentais, mas não possuía um projeto efetivo de formação educacional. Pão e circo; a

regra é velha, mas funciona. Pena que, entre tantas regras antigas, a da meritocracia foi esquecida.

O pressuposto da bolsa escola seria o de ajudar a manter a criança no ambiente da escola. Excetuando o caso do trabalho infantil – que é um caso de polícia – e sabendo da existência de outros possíveis benefícios governamentais (são várias as bolsas), porque uma criança deveria receber, ainda, para educar-se? Entenda-se: a educação é um direito, e não um dever, pago já com impostos públicos. Com a bolsa, transforma-se em dever. Por fim, se fecha uma equação macabra; um aluno que não pode ser reprovado deve ficar na escola, para receber sua bolsa. É quase inacreditável, mas o professor tem, então, que criar expedientes pelos quais enseje o desejo no aluno de permanecer na escola, se sentido estimulado, sem desafio algum, sem o que, sua saída (e a possível perda da bolsa) será culpa do docente!!!

Esse amontoado de absurdos não são teóricos, mas acontecem agora, nesse exato momento. Por causa disso, um grande número de educadores tem declarado a falência do ensino, e se afastado dele. Em seu lugar, entram oportunistas que se dispõem a ensinar o mínimo possível, e a sair o mais rápido que der da escola, em troca de seu salário certo. Atualizar-se, aperfeiçoar-se, estudar, etc., são palavras estranhas a esses “professores”. O único livro que lêem é o didático, e gostam de “construir conhecimento com os alunos” – uma tradução inexacta para deixar que seus alunos façam atividades LAP (lúdicas, afetivas e prazerosas) sem um mínimo de compromisso com qualquer conteúdo.

Esse quadro não é animador, e pressupõe um desfecho problemático – a retomada do atraso no futuro! Sim, vamos sair da história contemporânea para re-ingressar em tempos anteriores, em que a civilização ficará dividida entre uma elite

que domina a língua e a escrita, e um povo analfabetizado; a ciência correrá o risco de perder espaço para a experimentação, o empirismo estúpido, a alquimia e a mágica.

Atualmente, a política de bolsas no ensino básico e superior já projeta essas dificuldades da educação básica sobre a universidade – motivo pelo qual a própria academia já discute agora, perigosamente, como “facilitar” o “acesso e a permanência” do estudante no Ensino superior. Devemos nos preocupar seriamente se seremos operados, por exemplo, com um médico aprovado com média mínima (5.0) que sabe, pois, abrir – mas não fechar – um paciente.

A banalização da academia ocorreu em um governo que a odeia – e Lula sempre deixou bem claro seu despreço pelo “intelectual” FHC, estendendo isso a Universidade.

Desse modo, estabeleceu-se o paradoxo da abertura de várias universidades e institutos federais no país, que abriram milhares de novas vagas de emprego, mas acompanhadas de uma desvalorização da figura do professor em sala de aula. Sem autoridade e meios efetivos de lecionar, novamente, a equação não funciona. Como controlar e ensinar milhares de alunos novos sem autoridade constituída, sem respaldo público e com mecanismos frouxos de avaliação? A autonomia universitária se debate entre o populismo e o pragmatismo.

Obviamente que o aumento do número de alunos trará mais problemas, mas isso não é, em absoluto, negativo, mas apenas estatístico. Imaginemos a cena: se antes tínhamos cem alunos e só um dez davam problema, com mil alunos teremos cem, etc. é uma conta absolutamente especulativa, que supõe que se manterá um índice de casos especiais de disciplina, comportamento e aprendizado SE houverem mecanismos

eficazes para avaliação e direção da sala de aula. No entanto, com a destruição da meritocracia, e com o estímulo a inércia – garantida pela “aprovação continuada” ou “progressão automática” (seja qual for o arranjo das palavras, eu as coloco aqui de modo errôneo para mostrar que elas implicam no mesmo erro) – quem irá querer estudar?

Os bons alunos se sentirão enganados, e serão engolidos na pasmaceira. Alguns poucos, inconformados e amantes da leitura, se distinguirão por conta própria, e tentarão cavara vagas para suas qualificações antes de serem punidos pela ignorância do senso comum, que deprecia os que têm iniciativa.

O que falta aos governos para perceberem a quantidade de desatinos que cometem? Quem escolhe os educadores canalhas e demagogos que definem essas políticas públicas?

A visão pósconfucionista

Mas tudo isso tem um alto custo social, que está sendo cobrado nas escaladas de violência no RJ e em SP. As dificuldades encontrar gente qualificada para trabalhar nos empreendimentos públicos e particulares tem mostrado essas falhas. O governo atual do RJ está tentando retomar os antigos critérios educacionais, ciente de que as reformas não poderiam ter mesmo dado certo, e causaram o grande atraso econômico e científico em que o estado se encontra. Há poucos núcleos de excelência científica, e em grande parte são dominados por iniciativas particulares e privadas.

Assim sendo, qual seria a visão pósconfucionista da situação?
O que poderia ser feito?

Em primeiro lugar, retomar os critérios meritocráticos, reforçar o vestibular e diminuir as formas de acesso que banalizem o ensino superior.

Segundo, e mais importante: reforçar as bases da educação. As nações asiáticas se reconstruíram, após a 2ª guerra, investindo na educação básica. Quando a raiz é forte, a árvore frutifica. Com o ensino básico consolidado, a universidade será uma extensão natural disso. Não serão necessárias cotas ou privilégios. O impacto sobre o povo será enorme: de início, é provável que alguns se revoltam com as exigências de qualidade e esforço: contudo, a abertura do mercado para gente capacitada irá responder a isso. Hoje, por exemplo, o país carece de engenheiros, técnicos e especialistas em grande demanda – e a universidade precisa responder a isso.

漢
學
文
台

Confúcio havia proposto que a educação deveria ser responsabilidade do Estado. Continuaría cabendo ao Estado, pois, delimitar as regras pelas quais a educação deve acontecer. Se forem regras idiotas, o ensino superior será a extensão desses equívocos; se forem regras duras, porém coerentes, mesmo o ensino privado as acompanhará, ou correrão o risco de seus diplomas serem desqualificados (como ocorria há alguns anos atrás...).

O modelo meritocrático foi testado, desenvolvido e aplicado com eficácia durante séculos, como no caso da China e mesmo em alguns países da Europa. As civilizações que compreenderam isso estão no topo do mundo, novamente. O que falta a nós, portanto, para compreendê-lo?

“Apenas com este sistema educacional, entretanto, é possível civilizar o povo e reformar a moral da nação, de

maneira que os cidadãos se sintam felizes e os habitantes de outras terras gostem de visitar o país”.
Confúcio



漢學文化台

Honra e Vergonha

Página | 116

Recuso-me a discutir com aquele que, pretendendo buscar a verdade, envergonha-se, ao mesmo tempo, de comer e vestir-se mal.

Confúcio

O estudo da ética se fundamenta, antes de tudo, na compreensão das complexidades que constituem a moral – principalmente no que toca a sua aplicação no cotidiano.

Ao examinarmos os valores de nossa sociedade, constataremos a ampla dificuldade que existe em aplicá-los nos dilemas que se nos apresentam.

A moral é constituída num conjunto amplo de atitudes, comportamentos e noções de certo e errado cuja dimensão é

difícil de apreender – quanto mais, de reduzir. Por outro lado, ela escancara mecanismos de funcionamento que tem por objetivo (não declarado) se transformarem em práticas coercitivas e impositivas, se possível se convertendo, também, em valores sociais. Atendendo ao “desvio padrão” – que cria tanto o simpático transgressor até o sociopata – estabelece-se uma tênue linha entre o apropriado e o inapropriado, de modo que os anseios pessoais sejam atendidos, ainda que ao custo da sujeição social e de prejudicar o alheio. O indivíduo aceita uma regra não dita – posto que não claramente escrita, mas aceita por consenso e conveniência – de que há meios “legítimos” para realizar o ilegítimo, e confirmá-lo como aceitável – quiçá aprovável – pelo restante da sociedade.

Foi Dominic Crossan [a partir da leitura de vários outros teóricos] quem afirmou que as sociedades mediterrânicas vivenciaram uma relação de “honra e vergonha” – sistema que

data da antiguidade, mas que é amplamente cabível a algumas sociedades modernas, inclusive a nossa.

“Honra e Vergonha” traduzem-se num mecanismo perverso que submete todos os outros valores morais a uma noção distorcida de “honrado” (apropriado) e vergonhoso (inapropriado). A percepção desses valores, contudo, é que conta para entender sua aplicação, e a conseqüente visão que a sociedade tem sobre elas.

Assim sendo, um ladrão discreto ou um marido traído (ou traidor) podem ser entendidos como “honrados”, desde que mantenham as aparências. Roubar deixa de ser errado, desde que a culpabilidade não seja direta, e se dilua na sociedade – no caso do político corrupto, por exemplo, uma tal “honra” alcançada por meio de ostentação e poder, e alguma caridade

populista – o protegem, inclusive, contra acusações de desonra ou vergonha.

Um homem ou mulher traídos, igualmente, não precisam defender sua honra, contanto que ninguém saiba de seus “erros” ou “fraquezas” de modo “inapropriado”.

No entanto, se o indivíduo for desgraçado por acusações de “vergonha”, nada do que faz poderá ser considerado apropriado. Um administrador honesto e capaz pode ser maculado por uma única acusação vil – se lhe atacam com um suposto crime (pedofilia, violência doméstica, crime sexual, hábitos excêntricos, ou qualquer outra coisa que possa ser entendida como escandalosa), ele perde sua moral e seus direitos – ainda que nada fique provado. Um homem ou mulher, por melhores que sejam suas atuações intelectuais, sociais ou humanistas, serão considerados “fracos” ou

“incapazes” de executar seus trabalhos apenas porque foram abandonados por seus cônjuges dissolutos (ou os abandonaram, por motivos “não esclarecidos”, que forçam a invasão de sua privacidade como justificativa).

Esses são apenas exemplos gerais, que nos permitem nortear o entendimento de como “honra e vergonha” se aplicam em uma sociedade. Dentro de uma (i)lógica própria, as culturas determinam o que lhes parece apropriado ou não, gerando possíveis inversões ou reavaliações tão problemáticas.

No caso do Brasil, fica claro como esse sistema não apenas sobrevive, mas enraizou-se em nosso modo de pensar.

Num país “vitimológico”, a autonomia do indivíduo é superada e substituída por uma dependência quase maníaca por líderes autoritários e populistas. O estudo, a formação

intelectual e moral, a dedicação interessada no trabalho são consideradas anomalias, são “vergonhosas”. Por isso se dá valor ao trabalho braçal, em detrimento da técnica ou da ciência; por outro lado, a formação superior contempla cada vez mais uma parcela social que não pensa o ensino ou a pesquisa, mas em como alcançar trabalhos que, mesmo aviltados, dão “sustento garantindo” (i.e., funcionalismo público), por um mecanismo de inversão curioso: o emprego se torna bom se o indivíduo não fizer nada- se fizer algo, passa a ser considerado pouco inteligente, pois realiza uma atitude redundante – trabalhar quando se tem o sustento “já garantido”.

É um clichê, sabemos, mas num país que arrecada mais dinheiro em um reality show do que para cuidar de crianças, percebe-se que o grave desvio que a noção de honra e vergonha cria na mente das pessoas. Professores tornam-se

“inimigos”, e a exceção dos educadores demagógicos e populistas, são “envergonhados” cotidianamente, e desvalorizados. Pessoas são destratadas por suas opções sexuais e afetivas, conquanto se clama, arcaicamente, por “lavar a honra com sangue” nos casos em que o simples desentendimento ou desacordo conjugal, ao invés de dar origem a duas vidas livres e conscientes, transforma-se em uma situação de humilhação e perseguição, tudo por conta da “vergonha”.

Quer seja assim, a política, a religião, a educação e mesmo a paixão nunca serão entendidos ou discutidos enquanto valores em si, mas como meios de se obter honra ou imputar vergonha.

Esse transtorno mental e cultural é que explicam tal atraso em tudo: afinal, o pragmatismo não existe, senão como apenas

um modo de executar os desatinos de “honra ou vergonha”, e atrela-nos a um passado cuja âncora não cria um porto seguro, mas justifica o medo de navegar – e inovar....

O homem honroso dá atenção especial a nove coisas. Dedicar-se a ver bem o que olha, a ouvir bem o que escuta; cuidar para ter uma aparência afável, para ter uma atitude deferente, para ser sincero nas suas palavras, para ser diligente nas suas ações; no meio das suas dúvidas, tem o cuidado de interrogar; quando está descontente, pensa nas conseqüências desastrosas da cólera; frente a um bem a obter, lembra-se da justiça. (...) Buscar o bem, como se temêssemos não conseguir alcançá-lo; evitar o mal, como se tivéssemos enfiado a mão na água fervente; é um princípio que eu vi ser posto em prática e que aprendi.

Confúcio

漢
學
五
文
台

Crenças em que Além?

O rei de Chu havia encomendado um elixir da imortalidade. Quando a poção ficou pronta, foi recebida com pompa e circunstância na corte. Um oficial abusado, porém, resolveu pegá-la e tomou tudo de um gole só. O soberano ficou enfurecido e resolveu condená-lo a morte. O oficial, no entanto, replicou: “mas senhor, se a poção funcionar, o senhor não poderá me matar”. O rei respondeu: “e se você morrer?”. “Então”, disse ele, “o senhor terá sido tapeado e matará um inocente”. Sem saber o que fazer, o rei ficou quieto e deixou pra lá...

Liu Xiang

Em questão de crenças, se dá algo parecido. É mais difícil não acreditar em nada do que acreditar em algo. Mesmo assim, não acreditar em nada é uma crença de algum tipo.

Isso nos remete à velha questão do relativismo; se tudo for relativo, no campo religioso, então isso seria também relativo, havendo uma verdade? Mas se houver uma verdade, ela não provará que a crença no relativismo é verdadeira, pois até ela é relativa? Do mesmo modo, se há uma verdade, então, as coisas não são relativas, o que nos remete a condição de que a intransigência de uma crença seria uma postura autêntica.

Nossa fábula nos coloca no ponto central desse debate: a impossibilidade da constatação imediata das crenças. Se o soberano conseguisse matar – ou não – seu guarda, algo em sua crença seria decidido e afirmado. Contudo, há uma barreira moral, estabelecida pela própria crença, para provar

sua veracidade. A mesma moral que impõe uma visão de mundo ideal, cuja recompensa é a vida abençoada do outro lado, coloca o impeditivo fundamental de se conhecer o “outro lado”. Com esse receio marcante, o temor da morte determina toda uma vida em função da própria morte! E, no entanto, porque acreditar em algo que não pode ser provado ou aferido? Assim, pois, a dúvida alimenta a moral, mais do que a certeza da vida post-mortem. Tivesse o soberano matado seu oficial, ele saberia algo – mas quem deseja fazê-lo, de modo a cair na condição de erro?

Portanto, em questões de crença, o relativismo é antes de tudo um discurso de tolerância, mais do que de respeito à diversidade das crenças. Pois, quanto às provas, ninguém as tem – exceto os médiuns, para quem os acredita.

Ideologia da Vitimologia

Nelson Rodrigues já havia dito: somos tão “humildes” que um dia teremos receio de sair de casa, com medo de sermos atropelados pelo carrinho de sorvete.

Sim, o Brasil é feito de vítimas. Vítimas da sociedade, vítimas do sistema, temos tantas vítimas que faltam culpados – razão pela qual as vítimas de verdade nunca encontram a quem processar quando precisam, e a culpa nunca é de ninguém quando os problemas chegam – ou, no reverso bipolar dessa nossa condição nacional, a culpa se dilui entre todos; “todos somos culpados disso”, se diz, para que todos sejam vítimas uns dos outros.

O verdadeiro “culpado” – o que se vira, o que corre atrás, que empreende e trabalha – adquiriu, ao longo dos últimos anos, além de uma pesada carga de impostos, a “responsabilidade social” - ou seja, a culpa dele fazer por si próprio o que os outros não fazem por si mesmos. Envergonhado por trabalhar e estudar, ele é tripudiado pelas vítimas, cujo “sofrimento atroz” justifica todo e qualquer tipo de abuso contra quem faz algo de bom. Desestimulados, muitos desistem de se culpar por fazer a coisa certa e se entregam ao errado, abandonando-se e se tornando novas vítimas.

Um país assim adora líderes, que fazem “tudo pelo povo” – suas vítimas preferidas – e muitas vezes, ao invés de trabalhadores incansáveis, são justamente os exemplos de indolência – justificando a vitimologia e dando o exemplo do “correto que vêm de cima”.

A vitimologia é a pior das ideologias, propagada por um governo incompetente e uma sociedade conivente, que destroem o seu amor-próprio em função de uma subserviência declarada, um desejo inesgotável de ser nada para conseguir alguma coisa – afinal, pra quem se contata com pouco, o nada já é razoável.

Por isso, para se fazer uma nação poderosa, é preciso lembrar – mais do que o “choro dos tadinhos” de Confúcio, no Justo Meio (Zhong Yong), quando ele diz:

Aquele que é sincero consigo mesmo chega ao justo (Centralidade) sem esforço, compreende sem pensar, e segue facilmente pela medida (Caminho); este é o sábio. Buscar esta sinceridade consigo mesmo é acolher o bem dentro de si e o manter de forma firme; estudar para ampliá-lo, buscá-lo com precisão e raciocinar com atenção, discernindo-o com clareza, e o pondo em

漢學
文台

prática por completo em tudo que faz. Há pessoas que não estudam, ou estudando, não buscam ampliá-lo, mas não o abandonam [o caminho]. Há pessoas que não o buscam, ou buscando-o, não fazem com precisão, mas não o abandonam. Há pessoas que não raciocinam, ou raciocinando, não o fazem com atenção, mas não o abandonam. Há pessoas que não o discernem, ou discernindo-o, não fazem com clareza, mas não o abandonam. Há pessoas, por fim, que não o põe em prática; ou pondo-o, não o fazem por completo, mas não o abandonam. O que os outros fazem uma vez, elas fazem cem vezes; O que os outros fazem duas vezes, elas fazem mil vezes; Se alguém for capaz de realmente seguir este caminho, seja um tolo, ele se esclarecerá; seja um fraco, ele se fortalecerá.

Sem o que, um dia, a conta vai estourar, e todos serão vítimas de verdade... ou já não o são?

漢學文台

Buda da Sorte

Página | 132



“Aprende antes a servir os vivos”
Confúcio

Zhongli Quan é um dos sete – às vezes oito – imortais caminhantes. Gordinho, simpático, ele traz a sorte. Porque foi confundido com Buda, ninguém sabe. Buda devia ser magro, mesmo famélico, depois de suas meditações: não trazia sorte também, apenas prometia salvação – a custo de muito trabalho. Como ele foi virar um deus barrigudo da fortuna,

isso é uma incógnita. Durante a época Song, uma imagem rechonchuda de Buda (Budai em chinês, e no Japão chamada Hotei) surgiu, e essa pode ser uma possível origem para confusão. É difícil, contudo, afirmar qualquer coisa nesse sentido, já que budistas e caminhantes não gostavam de se misturar...

Buda defendia o desprendimento dos bens materiais; só pode ser uma ironia que ele fosse sincretizado com uma entidade absolutamente oposta, mas não é isso. Para uma religiosidade popular, que adotou Buda como um caminho, ele representa tudo de bom. E o bom, nesse caso, é a fartura e a riqueza.

“Quando não se conhece os ritos, o que se sabe?”, disse Confúcio. A mensagem de Buda era um alívio para o tormento post-mortem dos caminhantes. A salvação individual é um consolo, um contrato direto com o nirvana. Para o povo, essa

salvação começa aqui: e Buda transforma-se, então num provedor – igual à Zaoshen, que frequenta as cozinhas, e atende os desvalidos.

Da cozinha para a geladeira. Foi o que o ocidente fez, na carona da ignorância sobre o budismo e o daoísmo, colocando um Buda de geladeira no lugar do deus da cozinha... Adotado pelos cultos afros e esotéricos, ele mantém consigo a fama de atrair riqueza, o que se faz depositando algumas moedas sobre seus pés. Posto de costas para a porta (como um elefante indiano!), ele afasta o “mau-olhado”. Por fim, alguns cristãos ignorantes o taxaram de demônio – ou seja, o que pode “trazer felicidade nessa vida” não pode ser bom... No Brasil multicultural, ele faz companhia ao pingüim e as velas. Uma trajetória assim tão criativa, tão repleta de erros, interrupções e recriações, merecia um estudo mais aprofundado.

Mas quem pode dizer que ele não expressa, justamente, o que os seus devotos querem? Como não concordar que, para além do que ele deveria ser, ele se tornou algo ainda mais incrível e profundo?

“Há deuses em todas as partes, no Céu e na Terra”
Livro dos Poemas

漢學文台


A N D R É



Todos os direitos reservados

Creative Commons

ANDRÉ. **Observatório Sínico** in

www.andrebueno-sinologia.blogspot.com, 2011

